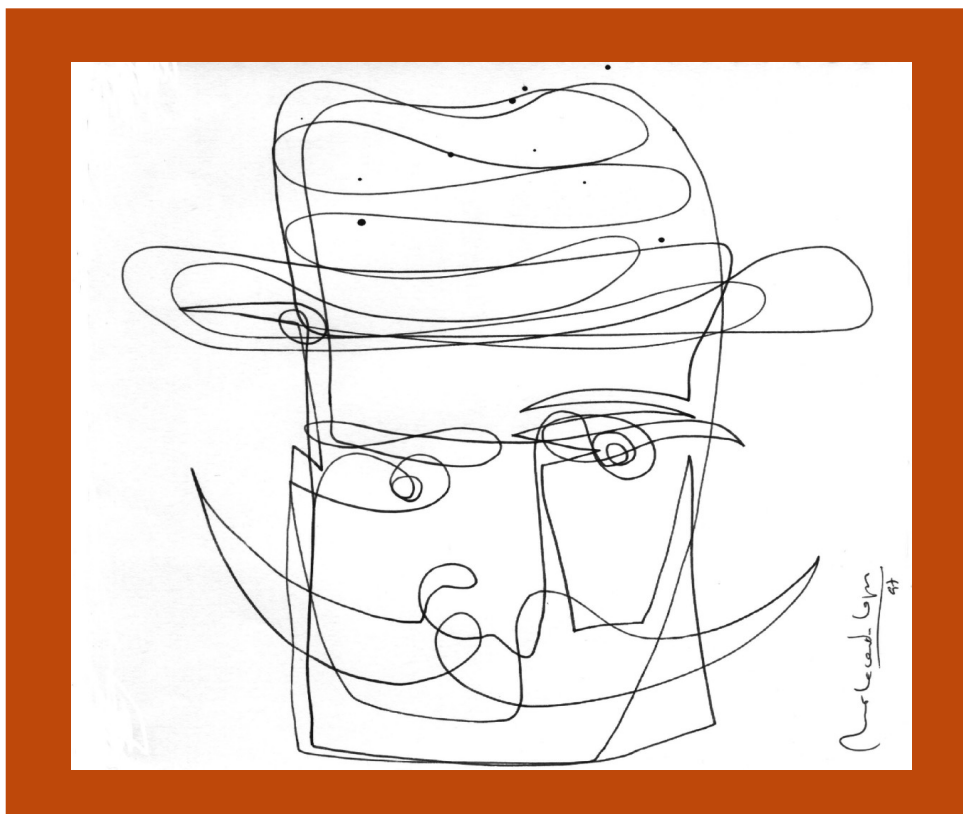


Manuel Laranjeira Por Ele Mesmo

Manuel Laranjeira



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Prefácio

Em Manuel Laranjeira ressaltam dois retratos completamente antagônicos, como bem acentuou Bernard Martocq no seu livro *Manuel Laranjeira et Son Temps*; retratos esses, aliás, já pressentidos por Joel Serrão, em 1982 quando em «As Raízes do Tédio em Manuel Laranjeira» (in *Temas Oitocentistas-II*), notara que «a natureza psicológica de Laranjeira propendia a intercadência, de entusiasmo e de abatimento, de euforia sentimental-romântica e de depressão entediada».

Com efeito, num retrato destaca-se a figura de um homem doente de corpo e de espírito pessimista, triste, depressivo, mergulhado num tédio de morte que o levará à neurastenia e ao suicídio.

No outro, revela-se um homem de acção, optimista e confiante, que combate arduamente e cheio de vida, em várias frentes de batalha: na política, na arte, na cultura e na pedagogia.

Se o primeiro retrato é o mais conhecido e o mais glosado, graças ao seu *Diário Íntimo* (1957) e ao seu livro de poemas *Comigo*, nos quais se vislumbra uma alma mística «pedindo à existência terrena perfeição e paz que nunca podem ser dela», onde em todas as suas páginas se exala um aborrecimento sem fim, um tédio de morte, o nojo da vida e se procura um Deus que lhe desse um sentido à vida. No segundo retrato, porém, mostra um homem corajoso, entusiasta e combativo na defesa dos seus ideais políticos, sociais e artísticos.

São estes dois retratos que aqui se apresentam através das suas próprias palavras, extraídas dos seus livros *Diário Íntimo*, *Cartas* e *Prosas Perdidas*, que nos revelam as várias facetas de um autor «que continha em si a rebeldia, a coragem, a cultura e uma desassomburada sinceridade para impor o seu temperamento

pessoal, repudiando posições subalternas ou servis. Crítico acérrimo de falsos ídolos e polemista de raro poder, zurzia impiedosamente até ao sarcasmo irreverente, aqueles que procuravam fama nas letras nacionais sem o merecerem.

Homem de independência de carácter e de um orgulho intelectual desmedido, Laranjeira não perdoava à sociedade do seu tempo, sobretudo às camadas privilegiadas, as falsas morais, os falsos valores «em que os nulos, os medíocres e os corruptos impavam pelos salões e pelas tertúlias».

Intolerante para com aqueles, era francamente tolerante para com a gente humilde, para com o povo, donde tinha nascido e que ele amava como um filho a sua mãe.

Mas, debaixo da sua aparente frieza vivificava em Laranjeira um ser profundamente moral e afectivo, na sua vida particular, no convívio com os seus amigos, afectividade reconhecida no testemunho que alguns deles deixaram escrito em letra de forma, nas páginas da «Gazeta de Espinho» de 24 de Março de 1912.

O Dr. Joaquim Pinto Coelho, médico e correligionário de Laranjeira, escrevia: «Laranjeira dava a muitos a errada impressão de um homem frio, céptico, indiferente ao meio social, refractário até à insensibilidade, às influências do trivial estímulo afectivo. Era, porém, no fundo, de uma impressionabilidade quase infantil. Comovia-se até às lágrimas e tinha o culto do amor e da ternura mais compassiva. Conheci-o muito bem em toda a simplicidade da sua alma».

Também Antero de Figueiredo não pode deixar de dizer que Manuel Laranjeira «era intelectualmente e moralmente uma figura muito complexa... A dor, o sarcasmo, as lágrimas, o riso, a revolta, viviam juntos nessa alma atribulada que se buscava buscando o melhor para si e para os outros... A sua inteligência pronta, a sua permanente avidéz de saber, a sua variada invulgar cultura toda sistematizada e bem

moderna, a sua concepção da vida constituíam nele um modo de ser muito especial, vivaz e agitado». E rematava o autor das Jornadas de Portugal: «Parecia que as ideias viviam dentro do Dr. Manuel Laranjeira, numa ebulição contínua que vibrantemente se comunica à sua atitude, à sua voz e aos gestos desordenados. Discutindo era tenaz até à intolerância e todo cheio dessa áspera altivez dos que se capacitam que têm na mão a forma algébrica da verdade e, para vingar, absoluta confiança em si próprio como ele tinha no seu cérebro, de facto robustecido de saber e a lampear talento».

Mas deixemos os testemunhos abonatórios dos seus amigos e admiradores e escutemos atentamente as suas próprias palavras. Neste apanhado de citações, veremos, a traços largos, a ideologia política, social e cultural de Manuel Laranjeira; um homem lúcido, atento ao seu tempo, idealista, sofredor e combativo, que através da sua pena corajosa e, por vezes, irreverente, expôs a nu a sua própria alma e apontou, sem rodeios nem tibiezas, os vírus que corroíam a sociedade portuguesa dos princípios do século XX.

Maio de 1998

Francisco Azevedo Brandão

A

ACTOR

«O actor não cria; traduz, exprime, apenas. Fazer criação em cena pode ser um excelente meio de conquistar públicos, dinheiro e glória; mas é também um meio quase infalível de estragar peças teatrais que sejam verdadeiras obras de arte.» (Prosas Perdidas)

ALMA PORTUGUESA

«Esta campanha de sanidade moral tem-me revelado um dos aspectos mais curiosos da alma portuguesa — o da dissolução. Creio que isto é uma raça perdida. Começo a crer que biologicamente a nossa decadência degenerativa é manifesta. Não se trata apenas duma desagregação da alma colectiva, passada na alma de cada um. Dá vontade de morrer — de vergonha.» (Diário Íntimo)

«Somos um povo sem comunidade de pensar e de sentir; somos um povo percorrendo uma fase trágica de desequilíbrio, um povo cuja organização, de hora para hora, está perdendo a sua consistência. A alma portuguesa, sob a ilusória aparência duma unidade cívica, está sofrendo duma desagregação cada vez mais intensa.» (Prosas Perdidas)

«O mal da sociedade portuguesa é apenas este — desagregação da personalidade colectiva, o sentimento de interesse nacional abafado na confusão caótica dos sentimentos de interesse individual. Em Portugal não existe o egoísmo da nação vencendo e disciplinando o egoísmo de cada português. A nossa vida política, económica e moral não tem sido senão, uma

série lastimosa de actos de egoísmo individual, impondo-se despoticamente ao egoísmo colectivo, ao interesse da nação e subjugando-o.» (Prosas Perdidas)

ALTRUÍSMO

«O altruísmo tem a sua génese no egoísmo: é a necessidade de conservação individual que cria a associação, que fermenta a conservação colectiva: o indivíduo desaparece, pelo menos em parte, para surgir como órgão duma sociedade.»

(Prosas Perdidas)

AMIZADE

«A amizade, como o amor, é uma forma de egoísmo. Um homem nunca é amigo de outrem senão pelas vantagens que lhe advêm dessa amizade.

É por isso que a amizade que os outros me professam me está sendo insuportável.»

(Diário Íntimo)

«Eu não conheço nada pior do que um amigo! Mas ninguém deve dar a outrem o direito de ser nosso amigo. Dar a alguém o direito a ser nosso amigo, que nos enxovalhe o espírito, os pensamentos, os sentimentos, as intenções, as palavras... Amigos meus — só eu. Conceder que os outros o sejam é abdicar estupidamente de mim. Para estar tranquilo, em paz connosco, não há como sentir na consciência o direito irreductível — de mandar os amigos à merda.»

(Diário Íntimo)

«Eu só amo criaturas que reputo de valor pelo espírito e pelo coração.» (Cartas)

AMOR

«Não há nada que se pareça tanto com o verdadeiro amor como o falso amor.» (Diário Íntimo)

«E cada vez me convenço mais que o amor é a ilusão mais mentirosa de quantos existem na fantasia dos homens...»
(Diário Íntimo)

ANSIEDADE

«Há momentos em que eu sinto agitar-se no fundo do meu ser a ansiedade suicida de esquecimento e repouso. E tenho medo de afogar-me numa dessas vertigens. Medo por mim, não, porque a vida de nada me importa; medo pelos outros, por causa dos quais eu estou condenado a viver. Porque eu sem vaidade reconheço que esta existência, que me é absolutamente inútil para mim, ainda pode concorrer para a felicidade dos outros.»
(Cartas)

ARTE

«O meu mundo era a arte. No mundo não basta descobrir verdades; é preciso sobretudo semeá-las pelo espírito e pelo coração dos homens. Esta nobre missão de semear pertencia antigamente aos apóstolos, aos poetas sagrados, às religiões; hoje pertence aos artistas, aos apóstolos da emoção. Quer dizer: eu estava preparando a minha tenda de semeador.»
(Cartas)

«O que distingue a arte das outras manifestações da vida mental é muito essencialmente a Forma — diz-se.

O Ritmo é tudo. Acessível unicamente a algumas criaturas de eleição, o Ritmo será inevitavelmente profanado pela grosseria da trivialidade bárbara: é a teoria da arte pela arte, impelida às suas últimas consequências.» (Prosas Perdidas)

«O grande problema da educação estética, moral, social, científica, consiste em fazer ascender as multidões às culminâncias da vida psíquica e não em apeiar do altíssimo plinto onde o homem a entronou.» (Prosas Perdidas)

«Uma obra de arte só pode ser lucidamente interpretada e fundamente sentida por indivíduos com posse plena de conhecimentos plásticos — da forma em suma.» (Prosas Perdidas)

«A grande diferença que há entre o artista e o público: um sente, cria e exprime; o outro limita-se a sentir, a vibrar em unísono.» (Prosas Perdidas)

«Se o artista criou e exprimiu justamente sua criação a obra de arte será eterna, será boa e há-de, fatalmente agitar a alma a quem for capaz de sentir a emoção genesíaca dessa obra de arte.»

«Lançar os homens na mesma efusiva comunhão de sentimento, cria a unidade da alma humana — eis o fim da arte.» (Prosas Perdidas)

«O estilo é o homem... Não é verdade absoluta. O estilo é o homem e o assunto: um pedaço de natureza através dum temperamento.» (Prosas Perdidas)

«A obra de arte como manifestação que é da vida, há-de vir impressa desse cunho que nunca abandona os mais simples actos da existência: há-de ser moral ou imoral fatalmente. A obra de arte unicamente bela, desligada da moral, é um conceito absurdo, sem realização possível.

A obra de arte há-de ser primeiro que tudo bela, há-de ser a expressão concreta e vivida do símbolo, do tipo ideal, estético enfim; seguidamente será moral ou imoral.»

(Prosas Perdidas)

«A obra de arte é sempre um pedaço da natureza através dum temperamento.»

(Prosas Perdidas)

«A arte deve ser humana e é-o sem dúvida: o que não implica necessariamente que a arte deva descer às multidões. Estas é que devem fazer a sua ascensão à Arte, como bem entendido a todas as culminâncias da vida intelectual.»

(Prosas Perdidas)

AUTO-CONHECIMENTO

«Sou uma natureza violenta, silenciosamente violenta — que é a pior maneira de ser violento: sou um homem talhado no tipo hamletiano — que é ainda a mais desventurada maneira de ser homem...

Reconheço-o singelamente, sem orgulho e sem vergonha, com aquela certeza do homem que já se viu a si mesmo muitas e muitas vezes e do homem que se viu sem o preconceito egoísta que exalta e deforma a própria personalidade.»

(Cartas)



B

BUDISMO

«O budismo, visto através dos estudos da maior parte dos filósofos indianistas, avulta como uma vasto caos metafísico, tecido dum verbalismo inextricável, que contrasta singularmente com a simplicidade de certos textos sagrados.»
(Prosas perdidas)

COISAS BELAS

«... o Bem, o Mal, a Perfeição, a Bondade, a Pureza, a Aspiração — e todas essas coisas belas em que a alma se embala — não passam de noções relativas, de modos de ver do nosso pobre ser humano.» (Cartas)

CORAGEM

«Tenho muitos defeitos, muitíssimos defeitos. É certo também que tenho algumas qualidades e uma delas é ter coragem dos meus defeitos.» (Cartas)

CRENÇA

«Crer em palavras falsas ou em palavras de verdade — é afinal a mesma felicidade. A felicidade de crer. O horrível é a desgraça da dúvida, de ver nas palavras sempre a mesma música ilusória — e passageira.» (Diário Íntimo)

CRISTIANISMO

«O que seria, por exemplo, o cristianismo visto exclusivamente através deste ou daquele livro santo? Visto através do Evangelho de Marcos seria uma colecção de prática de magia tosca, um acervo de superstições grosseiras, uma arte primitiva do feiticeiro para curar possessos e endemoninhados, para expulsar ou fulminar espíritos imundos; visto através do Evangelho de João, seria uma fusão híbrida de moiseísmo, de profetismo daniélico de teosofismo da Ásia Menor; visto através de Evangelho de Mateus, seria uma doutrina moral, pertencendo aos domínios exclusivos da patologia, pois predica a piedade levada ao



exagero mórbido, a ignorância, o amor ao próximo atingindo a forma aguda do altruísmo egotista, a abdicação em face da vida; visto através do espírito de Paulo de Tarso, seria uma reacção do puro espiritualismo contra o paganismo dissolvente de então, já atacado de degenerescências. E a verdade é tudo isto, mas tudo isto fundindo-se, e evoluindo, transformando-se: um sistema religioso bracejando uma multiplicidade de sistemas, de seitas, em suma.»
(Prosas Perdidas)

E

Elite

«Uma elite é sempre uma minoria... Se há minorias progressivas, há também minorias regressivas, que pomposamente se julgam constituindo uma elite.

Há minorias que são o gérmen de sociedades futuras, e minorias que são o resíduo de sociedades mortas. Há minorias que são o fermento de gerações vindouras, e minorias que são os restos de gerações extintas. Há minorias que abraçam o futuro, e minorias que abraçam o passado; minorias que estendem os olhos ansiosamente para amanhã, e minorias que os estendem, saudosas, para ontem. Há minorias que são uma força germinal, e minorias que são uma força esterilizante.»
(Prosas Perdidas)

Escrita

«Escrevo para satisfazer uma necessidade pessoal que é dizer aos outros o que penso da vida e dos homens.»
(Cartas)

«Eu acho-me competentíssimo para escrever acerca de qualquer artista, contanto que esse artista seja um temperamento daqueles que eu chamo — passionais.»
(Cartas)

Espectador

«Eu sou um homem que goza muito em ser espectador de si mesmo, e que se arrepia com a ideia de que os outros o vejam.» (Cartas)



Espinho

«Espinho volta aos seus dias melancólicos. Chove do céu aquela luz romântica e bendita, aquela melancolia saborosa e indefinível... Espinho volta a ser o romântico Espinho da nossa mocidade — como uma mulher que depois de nos abandonar para entregar-se à cursileira das sensações tumultuosas, volta ao caminho do primeiro amor. E tanto é assim, e tanto é verdade que Espinho volta aos seus dias romanescos.»

(Cartas)

Eternidade

«No dia em que o Homem, assassinada a última esperança pela última verdade, adquira a certeza de que a sua passagem na terra é um traço efêmero, e que a sua sede de eterno é um desejo perdido e vão; nesse dia trágico, em que o Homem tenha de renunciar à sua loucura de absoluto... já se sabe, D.Quijote também ficou cuerdo... para morrer. Para o suicídio — não será afinal este sentido da vida, da vida humana, pelo menos?»

(Cartas)



F

Fé

«A fé demonstra-se matematicamente, por uma equação algébrica. A fé de hoje tem o valor da indestrutível certeza. O que ela pode é ser expressa numa linguagem quente, sentida. Preferi exprimi-la numa linguagem raciocinada, nua para dar às minhas afirmações um carácter mais sólido, e para que não digam que elas são mais do que conclusões de médico e fisiologista, utopias literárias de filósofo imaginoso.» (Cartas)

Felicidade

«Não é digno de possuir a felicidade, quem a não compreende. Pior do que tudo é não sentir nem compreender a felicidade — Pior é compreender e sentir a desilusão...» (Diário Íntimo)

«Eu devia ter uma consciência moral que não tivesse a perversão de pensar mais na felicidade dos outros do que na minha.» (Diário Íntimo)

«A felicidade mais duradoura sobre a terra é a dor imbecil.» (Cartas)

«Sacrificar a felicidade é a única coisa que ninguém é capaz de fazer na vida. Sacrificar a felicidade, afinal, é buscar a felicidade. Sacrifica-se uma felicidade inútil pela possibilidade, duma felicidade imaginária. Quando alguém sacrifica uma porção de felicidade fá-lo sempre pelo menos pela probabilidade, duma felicidade maior. Fazer



cultura, que é senão conquistar uma felicidade ideal? Colher o fruto da árvore da ciência, do bem e do mal, que é senão a ambição desmedida, dum felicidade suprema — conquistar Deus?»
(Cartas)

Génio

«Proclamar o génio um egotista, é renunciar a todo o progresso, é mais — é odiar a luz para amar a sombra, é o egotismo social em toda a sua pujança. Porque as multidões também são egotistas. E todavia o génio é e será o eterno execrado da mediocridade anónima e compacta, que se defende com a tenacidade do parasita.» (Prosas Perdidas)

«O génio é um ser colocado fora da espécie, uma força da natureza cujo impulso a humanidade, instintivamente desejosa da estabilidade, evita a todo o transe.» (Prosas Perdidas)

«Na humanidade, o génio foi sempre o eterno inimigo da sensatez, a acção tenaz, o inimigo da sentimentalidade piedosa. Um é progressivo, a outra estável, amorfa. Sem o impulso fecundo do génio combinado com a acção, unicamente regida pelo bom senso e pela piedade, a humanidade quedar-se-ia eternamente na mesma étape, a vida apresentaria esse aspecto uniforme das coisas mortas.» (Prosas Perdidas)

H

HOMEM

«Vou deitar-me irritado comigo e com tudo. Levo esta impressão que os homens e as coisas são imorais e desprezíveis. Desprezíveis sobretudo.» (Diário Íntimo)

«A ciência moderna que afirma ser, adentro do universo, o homem um traço efémero e a consciência um fenómeno transitório, e que a agitação, do homem à face da terra é apenas um ruído vão.

Na verdade é trágico ver uma ave a esvoaçar em vão, ou o homem a esbracejar debalde.» (Diário Íntimo)

«Os homens que nascem com espírito aleijado e a consciência aleijada têm tanta culpa como se tivessem nascido com o crânio ou os pés aleijados. Como o corpo, o carácter deforma-se; e, nesta operação mutiladora, o homem é apenas a vítima. A lógica do mundo não é a lógica do homem. E ainda bem! Senão o mundo seria um disparate inconcebível.» (Diário Intimo)

HUMANIDADE

«A humanidade é fundamentalmente egoísta, e só pelo egoísmo — pela necessidade — poderia salvar-se da ruína.» (Cartas)

IDEAL

«Vivemos fervorosamente o nosso mundo ideal, o mundo maravilhoso que existe dentro de nós, e sentimos uma sutil, críspação de nojo ao encarar as defeituosas coisas da realidade.» (Cartas)

ILUSÃO

« Desmanchar ilusões é reduzir o coeficiente de felicidade e por consequência diminuir a possibilidade de chegar à terra prometida... ou desejada. O Homem só adquire uma verdade à custa duma desilusão... A última verdade será a que nos desmanchar a última ilusão a ilusão da eternidade.»
(Cartas)

INSPIRAÇÃO

«A inspiração esse dom que parecia emanar de uma força exterior e vir acender a alma do artista de um fogo sagrado não tem outra origem senão a mente do próprio artista: é um processo subconsciente de assimilação sensorial e de elaboração mental, tornado consciente num dado momento, o da produção artística, o da inspiração e desaparecendo... para muitas vezes deixar o artista assombrado da própria obra.»
(Prosas Perdidas)

M

MAIORIAS

«As maiorias são a mediocridade, o tipo médio, duma época... As maiorias evoluem lentamente, caminham para o futuro e para o progresso devagar, muito devagar mesmo.»
(Prosas Perdidas)

MISTICISMO

«Eu também nasci místico; e, quando se nasce místico, o remédio é satisfazer a sede de ideal. Nos místicos da vida o ideal, chama-se virtude; nos místicos da arte chama-se beleza. Virtude e beleza na essência, são a mesma coisa. A virtude é a ânsia de compor a vida como uma obra de arte; a beleza a ânsia de compor uma obra de arte como a vida»
(Cartas)

«Uma crise mística é sempre uma derrocada moral e uma elaboração moral consecutiva; é uma inversão penosa da fórmula do sentido da vida.» (Prosas Perdidas)

MORTE

«Não tenho pena dos que vão, tenho pena dos que ficam. Os mortos não me comovem, comovem-me os vivos. Tenho a impressão que não é um cadáver que se enterra, mas sim algum pedaço da alma de um vivo.» (Diário Íntimo)

MULHER PORTUGUESA

«A mulher portuguesa, será bem repeti-lo, não sabe dizer o seu amor com elegância de prosa, nem com subtilezas e artifícios de estilo

importado de França. Di-lo à maneira portuguesa, passionalmente, torrencialmente, com efusões de lirismo piegas, ou com simplicidade suprema.» (Prosas Perdidas)

MULHERES

«Nas mulheres a vaidade é tudo. Apaixonam-se por vaidade, atraíam por vaidade. Para elas um grande amor é a satisfação dum grande vaidade.»

(Diário Íntimo)

MUNDO

«Se eu estou farto de saber que o mundo não pode ser belo como a nossa fantasia o sonha, para que me hei-de perturbar com a imperfeição das almas.»

(Diário Intimo)

N

NATUREZA HUMANA

«O homem é um ser em conflito consigo mesmo: ainda é um agregado de vísceras que lutam por devorar-se — até ao dia da solidariedade da harmonia final. A natureza humana, em si, ainda é uma coisa tão desarmónica que está dando razão a Voltaire quando dizia: Notre âme immortelle a besoin d"aller à la garde-robe pour penser bien.»
(Cartas)

P

PESSIMISMO

«O pessimismo, como a imensa maioria das outras perturbações de que o homem sofre, tem uma génese normal e representa então uma dificuldade adaptativa passageira, vencível ou tem uma génese francamente mórbida isto é, assentando nem terreno estruturalmente defeituoso, viciado, inadaptável, e neste caso exprime um conflito irreduzível que só termina pela morte.»
(Prosas Perdidas)

POETA

«A cobardia de enriquecer não existe nos verdadeiros poetas. Um verdadeiro poeta é um pródigo, é pródigo como um Deus generoso: não vende ilusões, dá-as.»
(Cartas)

PÚBLICO

«Não suporto o público, quando pateia e muito menos quando aplaude. Haja ou não haja quem me admire — adiante, je m'en fous. Que eu tenha de sofrer-lhes a admiração — isso é que é intolerável. Para mim o público é a esfinge com orelhas de burro, e a celebridade — o manjar das vaidades triviais. Tolerar o público — seria colocar-me abaixo de mim mesmo, abaixo do que eu penso de mim mesmo.»
(Diário Íntimo)



R

RELIGIÃO

«Uma religião, como todas as outras formas e manifestações de actividade humana, obedece ao determinismo rigoroso das leis biopsicológicas: tem a sua evolução e a sua dissolução (às vezes involuntiva) : é sempre na sua fase ascensional, construtiva, uma lenta sobreposição dogmática, feita de pequenas evoluções e dissociações parciais de princípios e sentimentos, concretizados em lendas, mitos, regras, isto afora as suas relações de osmose com as outras religiões, o que complica enormemente a determinação rigorosa, da sua, curva evolutiva.» (Prosas Perdidas)

«Uma religião, em qualquer momento da sua história, é um conjunto de conceitos e emoções, traduzidos em dogmas acumulados e fixados lentamente.» (Prosas Perdidas)

«Demolir catedrais, derrubar mitras, não é destruir a religião. Às vezes é afirmar a religião. A religião para Junqueiro não está em Roma, nem em Meca: estende-se ao universo, abrange o mundo. Não é a cegueira fanática dalguns crentes: é a crença. Não é a religião dalguns seres: é a religião do ser.» (Prosas Perdidas)

REVOLUCIONÁRIO

«Ser revolucionário, em qualquer época, é fazer parte duma corrente germinal, progressiva, contra uma corrente residual, regressiva: é estar com o futuro contra o



passado. O revolucionário vai sempre na vanguarda das ideias do seu tempo.» (Prosas Perdidas)

RISO

«A cada desilusão, a cada dor, eu respondo com o riso — amargo, mas riso.»
(Cartas)

S

SOFRIMENTO

«O sofrimento tem para mim um encanto sugestivo, um sabor especial, esquisito como o de certos tóxicos: produz-me um prazer indizível — o prazer de me sentir superior à própria dor.»

(Cartas)

SONHAR

«É preciso sonhar, sonhar, sonhar! — sonhar sempre: na vida e sobretudo na morte.»

(Cartas)

SUICÍDIO

«Em Portugal, chegou-se a este princípio de filosofia desesperada — o suicídio é um recurso nobre, uma espécie de redenção moral.

Neste malfadado país, tudo o que é nobre suicida-se; tudo o que é canalha triunfa. Eis a nossa desgraça. Desgraça de todos nós, porque todos a sentimos pesar sobre nós, sobre o nosso espírito, sobre a nossa alma desolada e triste, como uma atmosfera de pesadelo, depressiva e má. O nosso real é uma espécie de cansaço moral, de tédio moral, o cansaço e o tédio de todos os que se fartaram — de crer.»

(Cartas)

T

TÉDIO

«Sinto-me, porém, adentrado dum grande tédio por tudo e por todos.» (Diário Íntimo)

«Decididamente o mundo pode afundar-se em ruínas que não me causa mágoa nenhuma.»(Diário Íntimo)

«Levanto-me aborrecido e fatigado. O ar que respiro é venenoso e amargo. A luz da tarde é azeda e glacial.»
(Diário Íntimo)

«Invade-me a infinita tristeza da existência, o tédio infinito da vida, dos homens e das coisas. Tudo isto é de uma instabilidade asquerosa.»
(Diário Íntimo)

«Aborreço os homens e as coisas, a vida e a morte. Tudo me parece pardo e ordinário.»
(Diário Íntimo)

«Sinto-me sem coragem para o trabalho. Invade-me uma tristeza infinita e vaga: tenho saudades... nem eu sei de quê, tenho desejos intensos que me arrepiam a carne e me crispam o espírito e desejos... nem eu sei de quê também.
Quero dormir e sinto vontade de chorar... Quero chorar e ponho-me a rir: tenho os olhos secos e a alma seca.»
(Diário Íntimo)

«Apenas a noite vem, cai-me um crepúsculo cá dentro que é de perder o amor e o apego a

tudo e mandar a vida ao raio que a parta.»
(Cartas)

TRABALHO

«...é preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar incansavelmente, obsessivamente... Para nós, místicos desta vida moderna, sem Deus, sem outro ideal, a fórmula prática de realizar o ideal, de viver adentro do ideal, como o santos em Deus, — é trabalhar, trabalhar. Trabalhar é o único meio, actualmente, de compor a vida como uma obra de arte e uma obra de arte como a vida.»

(Cartas)

VERDADE

«Uma verdade para triunfar deveras precisa de ser antes discutida, agitada, sacudida, combatida — posta à prova.

Uma ideia para germinar, antes de ser aceite pelo coração precisa de ser aceite pela inteligência.» (Prosas Perdidas)

VIDA

«...Porque hei-de eu querer que a vida seja uma obra de arte composta à minha fantasia e não uma comédia, cruel e dolorosa?» (Diário Íntimo)

«Tenho a impressão de que ainda há quem viva a vida, e que a vida não é a mesma farsa pelintra e ordinária de todos os dias...» (Diário Íntimo)

«Eu sinto uma tristeza funda, a tristeza de quem sofre por não ter nascido cego para certas coisas da vida.»
(Diário Íntimo)

«A vida hoje para mim, como em tantos outros dias, igual, parda, ordinária...
Nestas horas assim gris, sinto a sensação penosa de que a vida se me está gastando, esgotando, imbecilmente... sem eu a viver. E sinto esta ideia de pesar que hei-de morrer sem ter sabido viver a vida... Afinal o mal da nossa vida é não saber vivê-la... ou não puder...» (Diário Íntimo)

«A certas criaturas a vida destroça-se pelo tédio. Dir-se-ia que a vida tem um interesse

especial em aborrecer-nos, em desnudar-se
diante de nós para nos desagradar.»
(Diário Íntimo)

«Afinal o que me falta é coragem para viver
acima da vida. Não me destroça ela: destroço-
me eu!»

«Quando eu ergo a minha frente para a luz
não quero dizer que estou fitando estrelas,
esquecido da terra onde poiso os pés; como
quando olho para a terra, cujo ventre me
gerou, não quer isso dizer que eu só esteja
fitando a lama, esquecido da luz que me vem
do alto. É preciso não olhar demasiado para
cima, nem demasiado para baixo; é preciso
olhar para a frente, para a vida: abranger no
mesmo olhar o céu e a terra.» (Cartas)

«A vida, como D. Quijote, é um livro alegre
que nos deixa tristes; e, como D. Quijote, o
livro da nossa vida também tem uma página
sobretudo trágica, sobretudo amarga — a
última, aquela em que renunciamos a loucura
e cavalarias, para morrer cuerdos como o bom
Alonso Quijano.»
(Cartas)

«Eu caí na sandice de criar um ideal, de
conceber a vida como um ideal de felicidade.»
(Cartas)

«Eu não aceito a vida; eu não fujo medroso,
diante da vida. E a prova está nos esforços
com que tento desprender-me.» (Cartas)

«Sou árvore que não frutifica quanto é capaz
de frutificar, porque plantaram-me em mau



terreno... É a engrenagem da vida que está mal montada. Não é minha a culpa.»
(Cartas)

«Um minuto de vida bem empregado vale mais do que a eternidade da vida inutilmente vivida.»
(Cartas)

«Há um direito que o homem precisa de reivindicar: é o direito de viver. Vida para todos! — eis a Verdade conquistada e a justiça a cumprir. A justiça, sendo a expressão moral da vida, a sua base legítima, reside na plena, na espontânea efloração da vida. Liberdade para a vida! Deixar a vida viver, crescer, alastrar, expandir-se livremente, isto é, seguir sem entraves pela via que a espontaneidade lhe determina: deixá-la rolar impulsionada pela própria virtualidade! Eis a verdade gritada pela arte moderna toda, pela filosofia moderna toda, à face das sociedades de hoje.»
(Prosas Perdidas)

ÍNDICE

Prefácio.....	3
A.....	6
B.....	11
C.....	12
E.....	14
F.....	16
G.....	18
H.....	19
I.....	20
M.....	21
N.....	23
P.....	24
R.....	25
S.....	27
T.....	28
V.....	30

Colecção

digit@lmente

Título: **MANUEL LARANJEIRA POR ELE MESMO**

Autor: **MANUEL LARANJEIRA**

Capa: **M. Lopes**

Edição em Formato Livro: **Maio de 1998**
Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997

